

CRÍTICA DE LIVRO

Afinal é só Epilepsia

Autor: António Levy Gomes

Ambar-Ideias no Papel, S.A., Porto, 2004, págs. 269.
Preço €13,13. Capa mole.

António Levy, nome abreviado pelo qual o autor é conhecido profissionalmente, é um conceituado neuropediatra cuja longa preparação teve lugar em Paris, no Hôpital des Enfants Malades, com Jean Aicardi, um dos maiores mestres da neurologia pediátrica. Desde sempre que revelou um particular interesse pela epileptologia, área à qual tem dedicado grande parte da sua actividade.

Este livro, intencionalmente dedicado aos familiares das crianças e dos adolescentes epilépticos, é bem vindo por duas grandes razões. A primeira, por se ocupar de uma situação clínica relativamente frequente na idade pediátrica e com acentuado impacto social. A segunda, por estar escrita de uma forma simples, clara e sucinta para não-médicos e de leitura igualmente útil e agradável para médicos. Ao longo de todo o livro, transparece a grande experiência clínica do autor, experiência essa sempre filtrada e modulada por um notável senso clínico. Este aspecto está bem patente no capítulo que trata da relação do médico com a família e da relação do neuropediatra com o pediatra ou o clínico geral que tem a criança a seu cargo. A maturidade clínica do autor faz, da sua forma de actuar, um exemplo a seguir.

A epilepsia e toda a problemática que a envolve são analisadas em 26 pequenos capítulos que sintetizam de uma forma bem conseguida tudo o que de importante merece ser referido a esse respeito.

A carga emocional que recai sobre a família da criança com epilepsia é bem exemplificada logo no primeiro capítulo intitulado «Uma História». Aí podemos, também,

encontrar a razão pela qual o autor escolheu o título que deu ao seu livro. Dada a conotação fortemente negativa associada à palavra **epilepsia** e dado que, felizmente, a larga maioria das epilepsias são tratáveis e curáveis, o autor pretendeu desdramatizar o diagnóstico da doença, aos olhos dos familiares, dizendo: **AFINAL É SÓ EPILEPSIA (!)**. A ideia do autor parece pertinente, mas para quem vê o livro pela primeira vez no escaparate da livraria, o título é pouco elucidativo sobre o seu conteúdo e susceptível de várias conjecturas. Embora, recentemente, haja uma certa preocupação, por parte de alguns autores de escritos médicos, no que respeita à originalidade dos títulos dos seus trabalhos, entendo que um título bem «conservador», tal como, **EPILEPSIA NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE** serviria melhor os interesses do autor (ser lido por muitos) e dos potenciais leitores (médicos e familiares de crianças com epilepsia).

Alguns assuntos ou aspectos ligados à epilepsia aparecem um pouco repetidos no decorrer dos capítulos. Este facto é compreensível, dado que os capítulos não são estanques e existem franjas inevitavelmente sobreponíveis. Pode mesmo considerar-se que alguma repetição é pedagogicamente correcta e, portanto, útil para o leitor.

Pequenas incorrecções ou imprecisões, aqui e ali, seriam evitáveis. Assim, *estrebuchar* não é um neologismo criado pelos pais das crianças epilépticas para descrever a crise. É, sim, uma palavra que consta de qualquer dicionário de língua portuguesa e que se identifica com convulsão. Foco de luz *repetido* seria melhor adjectivado como intermitente e, quando referido à luz do sol reflectida sobre a água do mar ou de um lago, como cintilante. No capítulo referente aos exames auxiliares de diagnóstico diz o autor que o EEG, *por si só*, faz o diagnóstico de epilepsia de ausências e, logo a seguir, que o EEG (apenas) *sugere* esse diagnóstico. Mais adiante, e no mesmo capítulo, afir-

ma ainda o autor que *não* se pode fazer o diagnóstico de epilepsia unicamente pelo EEG. Se para um médico, que entende o que o autor pretende transmitir, estas discrepâncias e contradições são apenas aparentes, o mesmo não sucederá, provavelmente, com o leitor menos conhecedor destes assuntos.

Nenhuma das críticas de pormenor apontadas deslustra minimamente o valor deste livro. Todos aqueles que,

de uma forma ou de outra, participam nos cuidados à criança que sofre de epilepsia estão, seguramente, agradecidos ao autor pela sua obra. Vaticinamos-lhe uma larga difusão.

JAIME SALAZAR DE SOUSA

*Professor Catedrático de Pediatria
(retirado)*